

Homero na Crítica Inglesa: A Abordagem Histórica no Século Dezoito

DONALD M. FOERSTER
Yale University

Capítulo II: Início do Século XVIII*

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2006

Durante as primeiras décadas do século XVIII, tornou-se cada vez mais evidente que uma defesa de Homero, ou de qualquer poeta, meramente pela aplicação de princípios neoclássicos provavelmente não receberia muita simpatia. Tentar explicar este fenômeno nos conduziria facilmente a divagações muito remotas; mas pode-se constatar que certo tipo de crítica estritamente neoclássica nunca foi muito popular na Inglaterra, e tanto na Inglaterra como na França as perspectivas históricas mais abrangentes e o grande interesse pela psicologia do poeta foram, ao menos parcialmente, responsáveis pela crescente escassez da crítica praticada, por exemplo, por Mme. Dacier. Para assegurar esse fato, enquanto Addison experimentou resenhar o *Paraíso Perdido* por critérios neoclássicos, sua examinação mal se fez tão rigorosa e detalhada quanto os típicos ensaios formais do século anterior. Foi a sublimidade do pensamento e da expressão de Milton que predominou sob maiores atenções, e não a sua conformidade às regras. O mesmo tipo de tratamento foi então destinado a Homero. Aceitando a unidade da *Ilíada* e da *Odisséia*, Addison preocupou-se principalmente em mostrar como o poeta grego criava idéias e imagens sublimes, como ele se alevantava por sobre outros poetas em seu uso do maravilhoso e em sua construção para cada uma de suas personagens de uma distinta e interessante personalidade. Similarmente, Pope enfatizava o gênio de Homero mais por sua invenção do que por seu entendimento intuitivo das regras da poesia épica. “Seja qual for o lado pelo qual contemplemos Homero”, diz ele, “o que principalmente

* FOERSTER, Donald M. CAP II: “Early Eighteenth Century”. In: _____. *Homer in English Criticism: The Historical Approach in the Eighteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 1947.

nos arrebatava é sua Invenção”¹. Outros escritores subiram um degrau acima dos neoclassicistas mais moderados, e rejeitaram inteiramente o criticismo aristotélico. As belezas da poesia, Welsted declarou, “são em demasiado finas e sutis em sua Essência para caírem na Discussão de Pedantes, Comentadores, ou Críticos negociadores”: poesia deve ser sentida, não analisada².

Coincidente com o desenvolvimento de novas abordagens à literatura foi o crescente entusiasmo por poetas e poemas mais ou menos desdenhados pelos primeiros defensores de Homero. Na França, La Motte estendeu o gênero do épico para incluir Clovis o Lutrino, a *Farsália*, e o romance em prosa – todos consideráveis estranhas companhias para a *Ilíada*. Mesmo Addison foi convencido de que as regras de Aristóteles “não podem ser supostas a enquadrar com exatidão os Poemas heróicos que têm sido feitos desde o seu Tempo”³. A edição de Hughes para Spenser e especialmente seu prefácio para aquela obra (1715), o entusiasmo de Addison por Milton e por *Chevy Chase*, o crescente interesse em Tasso e as partes poéticas da Bíblia, tudo indicava que a atenção dos críticos franceses e ingleses estava se desviando de Homero e Virgílio, e que novos rivais para os poetas antigos estavam sendo descobertos por eles⁴.

Enquanto essa era a nova direção em que a crítica estava se movendo, a alta reputação de Homero não deixou de perdurar substancialmente, e a crítica aristotélica de suas obras permaneceu, de uma forma ou de outra, durante todo o século XVIII. De fato, na abertura dos anos daquele século, os “Modernos” respondiam aos “Antigos” – ou ao menos àqueles que estavam utilizando de regras neoclássicas para defender Homero – procurando demonstrar que as obras de Homero não atendiam a requisitos primários da poesia épica, que não tinham uma estrutura cuidadosamente planejada. Por isso escritores como Terrasson esforçaram-se para provar, pela “razão”, que Homero era inconsistente, que fazia digressões em uma parte e repetia a si mesmo em outra, que a natureza episódica da *Ilíada* provava que ele era apenas um infundado contador de fábulas. Mas, se um crítico precisa ou não primeiramente de um formalismo crítico, se ele

¹ “The Iliad of Homer”, Alexander Pope, tr. (London, 1715-20), I, Preface.

² “A Dissertation Concerning the Perfection of the English Language”. In: *Critical Essays of the Eighteenth Century*, W. H. Durham, ed. (New Haven, 1915), p. 365.

³ “The Spectator”, G. Gregory Smith, ed. (London, 1907), Vol. II, No. 273, p. 86.

⁴ Addison achava que Milton possuía maior ação que Homero. Idem, Vol. II, No. 267, pp. 62-3. E considerava algumas partes do Antigo Testamento “mais elevadas e sublimes que qualquer outra de Homero”. Idem, Vol. I, No. 160, p. 283.

argumenta a favor ou contra Homero, uma coisa é certa: ele não poderia ignorar, como parece ter sido feito, o fato de que a *Ilíada* e a *Odisséia* foram escritas em um período inicial da civilização, e que têm crivadas as marcas daquele tempo.

Tanta ênfase havia sido depositada nos elementos particulares em lugar dos elementos universais da poesia de Homero que, finalmente, não foi mais possível evitar o surgimento de certa quantidade de interpretações históricas naquele momento. Particularmente contra aqueles que extraíam contrastes entre o barbarismo dos costumes homéricos e o refinamento dos costumes modernos, as “regras” deixaram de parecer armas apropriadas. Qual seria a utilidade de citar continuamente Aristóteles, quando um homem tão frio e calculista como Terrasson declarava: “Demonstrei na seguinte Obra que Homero, mesmo com respeito à sua própria Idade e Tempo, é altamente digno de Culpa, e odioso por muitas razões”⁵? Mesmo com respeito à sua idade e tempo! Era um desafio explícito. O momento havia chegado para que alguém aceitasse o desafio de usar a abordagem histórica na defesa de Homero.

A Batalha dos Antigos e Modernos se subsidiava por entre nada mais que um incoerente tiro de tocaia, até que Mme. Dacier publicou sua tradução em prosa da *Ilíada*. Descontente com os progressistas, cansada de ouvir como os gregos deveriam ter escrito, essa senhora surgiu como uma modesta protetora de Homero, preparada e ansiosa para defendê-lo de toda acusação possível. Seria duvidoso imaginar que o poeta grego havia possuído outra admiradora tão ardente. Mas foi precisamente essa beatificação de Homero, essa relutância em sequer admitir que ele alguma vez houvesse pecado⁶, que desencadeou a indignação de Houdar La Motte depois da morte dela – e que conseqüentemente abria a segunda fase das controvérsias.

Embora Mme. Dacier tenha tido grande respeito pela abordagem neoclássica e freqüentemente encontrado ocasiões para usá-la, ela era aparentemente a primeira a fazer uma defesa sistemática de Homero em termos

⁵ “Critical Dissertations on Homer's Iliad, in a Manner Never Before Attempted”, traduzido do francês de Abbé Terrasson (London, 1745), I, lxi. Terrasson questiona, “Por que ele aceitou e adotou Erros e Opiniões populares, com todos os seus Absurdos e suas Impiedades? Ele não poderia retificá-las ou mesmo aprimorá-las?”, Idem, II, 77. Terrasson também censura Homero por ele não ter sido um bom professor de “moralidade”. Ele preferia *Télémaque* às obras de Homero, porque aquele mostrava como um grande príncipe era educado.

⁶ Anne Dacier, “L'Iliade d'Homere, traduite en françois, avec des remarques” (Paris, 1711), I, xxiv.

de abordagem histórica. Ao fazer isso ela abria um caminho pelo qual Pope e seus colegas logo seguiriam. Por que discutir como Homero deveria ter escrito, argumentava ela, quando a maioria das pessoas não sabe como ele escreveu? Se os tempos mudaram tanto desde as primeiras eras da Grécia, por que não tentar entender como aquele tempo afetou a *Ilíada* ao invés de esperar que o poeta se conforme às nossas idéias? “Homere ne pouvoit pas se conformer aux usages des siecles suivants; & c'est aux siecles suivants à remonter aux usages de son siecle”⁷ (“Homero não pode se conformar aos costumes dos séculos seguintes; cabe aos séculos seguintes se conformar aos costumes do seu século”). Ele apenas poderia copiar a natureza conforme a encontrasse naquele tempo⁸.

Muitas vezes é difícil definir o que Mme. Dacier e seus seguidores pensavam exatamente da era heróica. Quanto aos costumes descritos por Homero, todos os aplaudiram como indicativos da simplicidade da vida nas primeiras eras do mundo. Mas ninguém parece ter feito um esforço sério para reconciliar, em termos de estudo histórico, a ferocidade da *Ilíada* e a paz e domesticidade da *Odisséia*, ou determinar qual era exatamente representativa do tempo de Homero. Mme. Dacier estava, no mínimo, tão entusiasmada que há momentos em que quase sobreleva a conduta desumana de Aquiles e Ájax. Ela enfatiza “la simplicité des moeurs heroiques” (“a simplicidade dos costumes heróicos”) e a natureza “dans sa premiere simplicité”⁹ (“em sua primária simplicidade”), mas raramente diz uma palavra sobre a maneira como o corpo de Heitor foi arrastado em volta de Tróia. Aparentemente assumindo que o estudo dos costumes, e não dos modos, é o melhor caminho para se chegar ao entendimento das sociedades antigas, ela explica em grande detalhe como príncipes preparavam os alimentos, como eles matavam, limpavam e assavam um

⁷ Ibid.

⁸ Ao justificar o uso da prosa ao invés do verso em sua tradução, Mme. Dacier declara que seu único propósito é revelar Homero como ele realmente é: “ce n'est pas Homere vivant & animé, je l'avouë, mais c'est Homere” (“este não é Homero vivo e inspirado, eu confesso, mas é Homero”). Idem, I, xxxvii. Quando se utiliza o verso, “il faut necessairement qu'il change, qu'il retranche, qu'il adjoute” (“deve-se necessariamente mudar, cortar, ajustar”). Idem, I, xxxviii.

⁹ “Homere peint par tout la Nature telle qu'elle estoit dans sa premiere simplicité, & avant que dechué de sa dignité & de sa noblesse, elle eust cherché à estayer ses ruines sur une pompe vaine, qui n'est jamais la marque d'une veritable & solide grandeur” (“Homero pintou toda a Natureza tal qual ela aparece em sua primária simplicidade; antes de decair de sua dignidade e nobreza, ela procurou depositar suas ruínas em uma pompa vã, que não é nunca a marca da verdadeira e sólida grandeza”). Idem, I, xxiii.

animal em espetos, e conta aos seus leitores que esse era o costume “de ces heureux temps où l'on ne connoissoit ni le luxe ni la molesse, & où l'on ne faisoit consister la gloire que dans le travail & dans la vertu”¹⁰ (“desses tempos felizes em que não se conhecia nem o luxo nem a indolência, e onde a conquista da glória consiste apenas no trabalho e na virtude”). Ao concluir, ela não deixa dúvidas de que havia aceitado o desafio dos Modernos e que estava pronta para usar as mesmas armas que eles usavam: “Pour moy, . . . je trouve ces temps anciens d'autant plus beaux, qu'ils ressemblent moins au nostre”¹¹ (“Para mim, . . . considero esses tempos antigos tão mais belos quanto menos refletem os nossos”).

Um outro escritor que teve de alguma forma a mesma visão sobre a Idade Homérica foi Fénelon, que pagou alto tributo à amizade e hospitalidade dos gregos. “Rien n'est si aimable que cette vie des premiers hommes”¹² (“Nada é tão amável como a vida desses primeiros homens”). “Cette simplicité de moeurs semble ramener l'âge d'or”¹³ (“Esta simplicidade de costumes parece trazer de volta a idade de ouro”). Bem como seu *Télémaque* presta testemunho, Fénelon vê a civilização grega no tempo de Homero como a “juventude da humanidade”, quando havia pouco da luxúria da idade moderna. Mas, diferente de Mme. Dacier, Fénelon encontra também razões para contrapor a Grécia Homérica. Seu espírito belicoso e sua selvageria, praticados por heróis como Aquiles, que “ne ressemblent point à d'honnêtes gens”¹⁴ (“não se assemelham aos de pessoas honestas”), o repeliriam com certo desconforto. De fato, Virgílio ou Horácio pareceriam mais de acordo com o gosto de Fénelon do que Homero¹⁵.

Addison, por sua vez, admite que muitos dos sentimentos de Homero parecem indelicados aos leitores modernos, e apressa-se em acrescentar que todos os “defeitos” dessa natureza devem ser atribuídos antes ao tempo do que ao poeta. Assim, mesmo que alguém censurasse a *Ilíada* e a *Odisséia* por esse aspecto, não há nada mais agradável do que ler obras que retratam o

¹⁰ Idem, I, xxvi-xxvii.

¹¹ Idem, I, xxv.

¹² *Lettre sur les occupations de l'Académie Française suivie des lettres de Lamotte et de Fénelon sur Homère et sur les anciens*, M. E. Despois, ed. (Paris, n.d.), p. 107.

¹³ Idem, p. 50.

¹⁴ Idem, p. 103.

¹⁵ Como para Mme. Dacier, os costumes são mais altamente louvados que os modos. Fénelon chama especial atenção para “les occupations de Nausicaa” (“as ocupações de Nausícaa”), que ele contrasta com os costumes da era moderna. Ver idem, pp. 108-09.

comportamento antigo e a natureza humana em sua primeva simplicidade. Ao se passar da visão polida e refinada das personagens dos poemas modernos para os heróis da Antigüidade, “você pensaria estar lendo a História de uma outra Espécie”¹⁶.

La Motte, o oponente de Mme. Dacier, discute todos os aspectos da Idade Homérica. Ao invés de ignorar qualquer coisa que pareça bárbara e chamar a atenção apenas aos costumes e modos homéricos mais simples, mais singelos, ele declara que os costumes e modos devem ser distinguidos e sua relativa importância redescoberta. Concordando que “l’innocente simplicité des mœurs” (“a inocente simplicidade dos costumes”) nos poemas de Homero são de fato admiráveis, e que ninguém pode negar poder encontrar reis cozinhando carne e vestindo a si mesmos sem um criado, La Motte diz que, por outro lado, é raramente possível sentir-se simpático diante dos modos dos heróis homéricos. Que outro termo além de bárbaro pode ser aplicado à conduta de Agamêmnon e Aquiles, quando os observamos constantemente disputando para ver quem ficará com a posse de uma escrava? Mas isso não significa que o poeta deva ser condenado. Devemos diferenciar o autor e a época em que ele vive, seu gênio e os materiais com que ele trabalha. Em um tempo em que “la vengeance & l’orgueil étoient en honneur” (“a vingança e o orgulho consistiam em honra”), quando a Grécia era um pouco mais do que uma vila comparada à sociedade moderna, não é estranho que o poeta tivesse dado a seus heróis qualidades de ferocidade e vigor dos mais rústicos. Nem Homero nem sua audiência poderiam imaginar heróis de qualquer outro tipo. Por essa razão, diz ele, “Le plus grand vice d’Homere . . . est donc d’être né dans un siècle grossier”¹⁷ (“O maior defeito de Homero . . . é, portanto, ter nascido em um século grosseiro”), e a *Iliada* “paroît aussi éloigné de la perfection, que l’Auteur étoit propre à l’atteindre, s’il eût été placé dans les bons siècles”¹⁸ (“também passou longe da perfeição que o Autor se propôs a atingir, se ele ainda se encontrasse nos bons séculos”).

Quanto aos costumes de Homero, Pope estava em completa concordância com Mme. Dacier, e pagou seu tributo a ela ao incorporar um grande número de

¹⁶ Smith, op. cit., Vol. II, No. 209, p. 153. Addison diz, “Se olharmos para os Modos das Eras mais remotas do Mundo, descobriremos a Natureza Humana em sua Simplicidade; e quanto mais regressarmos para o nosso próprio tempo, poderemos observá-la escondendo a si mesma em Artíficos, Refinamentos e uma Polidez insensivelmente fora da sua Clareza Original”.

¹⁷ “Reflexions sur la Critique”. In: *Oeuvres de Monsieur Houdar de La Motte*, III, 187.

¹⁸ “Discours sur Homère”. In: *Oeuvres de Monsieur Houdar de La Motte*, II, 97.

suas observações sobre esse tema nas “Observações” que seguem cada Canto de sua tradução. Qualquer um que leia Homero deve perceber que está sendo familiarizado com “o mais antigo Autor do Mundo Bravio”, diz Pope; ele deve perceber que está “voltando quase três mil Anos à mais remota Antigüidade”¹⁹. Ao menos que ele olhe para os costumes da *Ilíada* sob um ponto de vista histórico e estude de perto seus significados, “nenhum Homem poderá entender toleravelmente este Autor”²⁰. Pope considerava incompreensível a atitude tomada por alguns críticos modernos: escarnecer quando Homero representa príncipes tomando conta de seus rebanhos e supervisionando suas colheitas, e quando descreve príncipes extraindo água para a família real e reis jantando ao ar livre sobre uma fogueira²¹. “Existe Prazer em se obter uma visão daquela Simplicidade em Oposição à Luxúria das Eras posteriores”. Mas, por mais que ele admirasse os costumes da vida doméstica antiga, concordava com La Motte em que os modos da *Ilíada* eram bárbaros demais, indecentes demais para ganharem a simpatia dos leitores modernos. Apenas uma pessoa preconceituosa poderia sublimar aqueles tempos “quando um Espírito de Revanche e Crueldade reinava sobre o Mundo, quando nenhuma Piedade era demonstrada que não em nome da Riqueza”²². Tão firmemente fez Pope e seus aliados em manterem esta opinião, que podemos encontrá-los defendendo Homero de acusações de barbarismo e explicando todos os tipos de costumes antigos em suas notas, mas em nenhum momento eles insinuam que a idade heróica, em qualquer grau considerável, era civilizada.

Nessas várias discussões, duas coisas são evidentes. Em primeiro lugar, idealistas como Mme. Dacier sempre enfatizaram os costumes antigos e os modos dos homens que estavam em paz, enquanto aqueles que caracterizavam o tempo de Homero como rude falavam dos modos dos homens que estavam em guerra: faltava uma imagem completa do período. Em segundo lugar, a crítica do

¹⁹ Pope, op. cit., I, Preface.

²⁰ Idem, II, 92.

²¹ Pope diz, “Deveria, parece-me, ser um Prazer para um Leitor moderno ver como tais Homens poderosos, de quem as Ações os têm feito sobreviver por três mil Anos, viveram nas primeiras Eras do Mundo”. Idem, III, 59-60. Ele também observa, “As Objeções que alguns têm feito de que os Deuses e Heróis de Homero agem apenas em benefício próprio, como se não fossem dignos daquelas Tarefas diversas, procede da Idéia corrupta de Luxúria e Majestade modernas”. Idem, III, 60.

²² Em uma de suas notas, Pope diz, “Eu realmente acredito que o mais chocante neste autor é o Espírito de Crueldade que muito manifestamente aparece na *Ilíada*”. Idem, IV, 75.

início do século XVIII raramente fazia uma clara distinção entre a era dos heróis e a era de Homero. Embora eles não pensassem que Homero e Ulisses fossem contemporâneos, eles assumiam, sem dúvidas, que a passagem de dois ou três séculos não era o bastante para alterar perceptivamente os costumes e modos dos homens²³. Ao invés de escolher entre atribuir a brutalidade de Aquiles ao próprio Homero ou atribuí-la à condição de sociedade no tempo da Guerra de Tróia, a maioria dos escritores escolheu censurar o período em que os dois épicos foram escritos. Por conseguinte, tanto Homero quanto seus poemas puderam ser considerados representantes de um tempo ora de rudeza, ora de feliz simplicidade, conforme a interpretação individual de cada crítico. Se, julgando pelos modos, a idade homérica era considerada bárbara, então também o eram o poeta e seus épicos; se, julgando pelos costumes, ela era considerada simples e ingênua, igualmente o poeta e seus épicos também o eram.

Com insistência, nos primeiros anos do século surgia o problema da identidade de Homero e, conseqüentemente, da origem da *Ilíada* e da *Odisséia*. Embora isso nunca tenha se tornado um ponto a ser focado na controvérsia de Antigos e Modernos, a questão preocupou críticos de ambos os lados, particularmente aqueles que eram relutantes em atribuir repetições, digressões e inconsistências à falta de gênio do poeta.

Mme. Dacier não duvidou sequer uma vez de que Homero era o autor dos poemas a ele atribuídos, mas chegou a levantar um ou dois pontos interessantes sobre a maneira como a *Ilíada* e a *Odisséia* foram transmitidas para os tempos modernos. De acordo com o argumento do seu prefácio, os épicos eram ambos “continus, & nullement divisez par livres” (“contínuos, e não divididos em Cantos”) quando primeiramente foram compostos. Os rapsodos, contudo, os teriam fragmentado em episódios separados, e nessa condição eles circularam na Jônia e mais tarde por toda a Grécia. Mesmo depois de Pisístrato haver colecionado as várias partes e as restaurado em sua ordem original para a forma acabada dos poemas, os rapsodos continuaram a cantar a estória da Guerra de Tróia em episódios, não raramente admitindo certos erros ao deliberadamente insinuarem e fazerem interpolações sobre o texto. Tanto fizeram, e tanto um

²³ Mme. Dacier diz que Homero escreveu seus poemas 250 ou 260 anos depois da Guerra de Tróia, e que isso era tempo suficiente para permitir uma “sensível mudança” nos modos dos homens. Anne Dacier, op. cit., II, 540. Mas nem ela nem qualquer outro crítico exploraram ou enfatizaram este ponto.

grupo descuidado de copistas se apartou do texto de Homero, que foi novamente necessário, no tempo de Alexandre, que se revisassem os dois poemas.

Thomas Parnell, em seu Ensaio sobre Homero, diz que “as Obras de Homero corriam o perigo de serem completamente desfeitas” pela inserção de passagens adicionais e por erros feitos na transcrição do texto. Mas nem para ele nem para Mme. Dacier esses fatos tiveram quaisquer implicações. Eles não perceberam, como os críticos estavam a perceber um século atrás, que tal informação poderia ser utilizada para provar a diversidade de autoria dos poemas homéricos, que os rapsodos poderiam estar diretamente relacionados com a composição dos épicos, e que as interpolações, embora supostamente removidas, poderiam ainda ter persistido em certa parcela do texto. As seguidas afirmações por parte de todos os neoclassicistas de que a *Ilíada* e a *Odisséia* preservavam uma unidade notável de estrutura preveniram os críticos mais importantes daquele tempo de questionarem a autoria e o estado desses poemas. Por isso La Motte respondeu a Perrault e a qualquer outro que não acreditasse que Homero havia existido: “Je remarque partout dans L'Iliade, les mêmes vûës & la même maniere de penser. . . . L'Iliade est d'un seul Auteur” (“Observo por toda parte na *Ilíada* as mesmas visões e a mesma maneira de pensar. . . . A *Ilíada* é de um mesmo Autor”). E Gildon, depois de recapitular o caso de Pisístrato, disse que, em razão da “Completude do Poema”, era óbvio “que um certo Propósito foi regrado pelo Compositor do Poema para si mesmo”. Ninguém além de Homero poderia ter criado uma obra tão unificada.

De todos os livros tratando esse tema, o volume das “Conjectures académiques” de D'Aubignac é o mais importante. Escrito por volta da metade do século XVII, foi pela primeira vez publicado em 1715. Muitos esforços têm sido feitos para se provar que F. A. Wolf dependia de D'Aubignac em certos argumentos para sustentar sua teoria homérica. Tendo ou não dependido dele, o fato é que as Conjecturas em si antecipam em um século as críticas do tempo de Wolf. Pode-se seguramente dizer que a atitude do século XVIII em relação a Homero teria sido totalmente diferente não fosse um detalhe: o livro era virtualmente – se não inteiramente – desconhecido.

À medida que críticos ingleses não foram de nenhuma maneira influenciados por D'Aubignac, precisamos apenas sumarizar seu maior argumento. Absolutamente nada é conhecido sobre Homero, o autor diz, nem

quando ele nasceu, nem onde, nem o que ele fazia ou como ele morreu. Pela razão de nenhum historiador até tempos relativamente modernos ter falado dele como um indivíduo, há toda razão para se acreditar que o nome “Homero” fosse aplicado a qualquer cantor errante. D’Aubignac afirma que “rapsodos” compuseram canções sobre o cerco de Tróia e que vários episódios da estória cantados por eles eram eventualmente compilados e atrelados junto à narrativa. A fim de realizar algo como uma unidade absoluta, o compilador era obrigado a omitir certas partes e adicionar outras de sua própria invenção. Mas ainda é possível notar onde muito dos episódios originais começavam e terminavam. A crítica francesa apontaria então que as repetições e inconsistências e a mistura de diferentes dialetos gregos devia ser atribuída à diversidade de autoria. Similarmente, apenas assim pode ser natural que encontremos os rudimentos de todas as artes e ciências na *Ilíada* e na *Odisséia*. Se muitos rapsodos compuseram esses poemas, cada um incluiu neles alguns fatos de sua própria habilidade particular ou de sua própria proficiência.

Mas mais importante para nós são as próprias obras dos diversos críticos ingleses do período. Em 1713, Henry Felton publicou sua “Dissertation on Reading the Classics”, um livro popular o bastante para alcançar uma quinta edição em 1753. Considerando a autoria dos poemas homéricos, ele diz: “Argumentei até este ponto, meu Senhor, com respeito a Virgílio – e não será nenhum Espanto –, que seu Poema teria de ser, subitamente, considerado ‘mais correto’ nas Regras da Escrita, se aquela estranha Opinião prevalecesse, de que Homero escreveu sem qualquer Visão ou Estrutura do todo, que seus Poemas são perdidos, Peças independentes coladas umas às outras, e que originalmente eram apenas muitas Canções ou Baladas sobre os Deuses e Heróis, e o Cerco de Tróia”. Como Mme. Dacier e La Motte, Felton acreditava que a *Ilíada* e a *Odisséia* eram em demasiado bem organizadas para serem compilações de canções de um mero rapsodo: “eles são a mais completa Seqüência de Baladas com que já me deparei”. Mas, se isso é verdadeiro, como muitos escritores reivindicam, que alguém no dia de Pisístrato reuniu os poemas de Homero, “que nos permitam ao menos admitir, por nossa vez, uma Suposição Poética, de Que a Harpa de Homero era tão poderosa para comandar suas Peças incoerentes espalhadas em uma bela Estrutura de Poema quanto à de Anfíon o era para dispor Pedras em um Muro”.

Addison teria sem dúvidas concordado com Felton em que os poemas de Homero não constituem um agregado de baladas. Ao discutir a *Ilíada* e *Chevy Chase*, ele meramente aponta que ambos os poemas originaram-se de circunstâncias históricas oriundas dos períodos em que foram compostos. Encontrando os estados gregos ameaçados pelos Persas, Homero teria procurado resolver a disputa entre os juízes daqueles estados, trazendo uma frente comum ao mostrar “as diversas Vantagens que o Inimigo ganhava em tamanha Discórdia”. No mesmo caminho, o autor de *Chevy Chase*, para encerrar a querela de barões uns com os outros e com seus vizinhos, teria descrito uma sangrenta batalha “ocasionada pelos Feudos mútuos que reinaram nas Famílias de um Nobre Inglês e Escocês”.

Tal comparação entre a balada e o épico seria de menor importância para nós se os críticos não tivessem começado a questionar as idéias aceitas sobre a composição da *Ilíada* e da *Odisséia*, e então chamado Homero de rapsodo ou baladista. As observações de Richard Bentley mostram a que aquela comparação poderia ter levado. Falando de Homero, ele diz: “Ele escreveu uma seqüência de Canções e Rapsódias para serem cantadas por ele mesmo em favor de incentivos e de pequenas quantias em Festivais e outros dias de Divertimento”. A *Ilíada* teria sido composta para homens, e a *Odisséia* para mulheres. Mas nenhuma teria sido “coletada na forma de um poema Épico” até a época de Pisístrato. Isso explica para Bentley por que não há “uma palavra em Homero que pressagie ou prometa Imortalidade para sua obra; como encontramos em Poetas posteriores, Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucano e Estácio”.

Igualmente comprometendo a reputação de Homero como um artista consciente é a crítica às vezes erroneamente atribuída a Ambrose Philips. “O grande Príncipe dos Poetas, velho Homero, se podemos confiar em antigos Registros, não era mais que um Cantor de Baladas cego, que escreveu Canções do Cerco de Tróia, e as Aventuras de Ulisses; e, tocando a melodia em sua Harpa, cantava de Porta em Porta”. Alguém mais tarde teria coletado suas baladas e, “pouco a pouco as conectando”, teria produzido os poemas que foram transmitidos para nós. Mas isso não é tudo. Umas poucas páginas depois Homero é associado aos baladistas da Inglaterra. Seria costume na Grécia Antiga para “esses Editores de Canções” transmitir para a posteridade as histórias de grandes eventos que tivessem acontecido em seus próprios dias. “E acredito que isso

nunca foi usado mais do que entre Ingleses em Tempos antigos”. Felizmente para Homero o século XVIII não ficou muito impressionado com a comparação.

Muito mais importantes foram as comparações entre Homero e a Bíblia. Embora freqüentemente levadas muito adiante, elas foram em parte responsáveis pelo desenvolvimento de uma interpretação histórica da *Ilíada* e da *Odisséia*. As Escrituras e os Épicos Gregos, foi percebido, eram ambos produzidos em um período muito antigo e na mesma parte do mundo. À medida que alguém encontrasse semelhanças notáveis de linguagem, modos e costumes, acaso não seria obrigado a atribuí-las ao período, ao clima, ou ao intercuro entre Hebreus e Gregos mais do que ao gênio particular de cada escritor? O estudo desses paralelos não foi incomum no século XVII. Mme. Dacier foi, contudo, a primeira participante na controvérsia entre Antigos e Modernos a descobrir quão valiosos esses paralelos poderiam ser na defesa de Homero. À medida que encontramos os mesmos costumes descritos pelo poeta grego e pelos escritores do Antigo Testamento, ela argumentava, seria incompreensível condená-los como bárbaros em um caso e lhes prestar a mais alta devoção em outro. “Homere parle souvent de chaudrons, de marmites, de sang, de graisse, d'intestins. . . . Les gens du monde trouvent cela choquant; mais on fait voir que tout cela est entierement conforme à ce que l'on voit dans l'Ecriture sainte” (“Homero fala freqüentemente de caldeirões, de panelas, de sangue, de gordura, de intestinos. . . . As pessoas do mundo consideram chocante; mas é preciso ver que qualquer dessas coisas encontra-se inteiramente em conformidade ao que se vê nas sagradas Escrituras”). Por que deveríamos achar que Nausícaa estava abandonando sua dignidade real ao lavar as roupas em um rio, quando a Bíblia nos conta que “les filles les plus considerables” (“as moças mais consideráveis”), como Raquel e Rebeca, atenderam a toda sorte de tarefas domésticas? Mais uma vez Mme. Dacier concluía suas observações sobre os costumes mencionados na *Ilíada* (e *Odisséia*) com a breve afirmação: “Ce sont ces memes moeurs qu'on voit dans l'Ecriture sainte” (“São esses mesmos costumes que se vêem nas sagradas Escrituras”).

As similaridades na linguagem e na maneira das expressões de ambos os textos eram ainda mais notáveis. Falando de Homero, Mme. Dacier diz que “son style est le mesme que celuy qui regne dans les livres des anciens Hebreux” (“o estilo é o mesmo que predomina nos livros dos antigos hebreus”).

Há uma sublimidade em ambos, inigualada por qualquer escrito posterior; e ambos se inclinam a serem concisos ao mesmo tempo em que são repetitivos. As mesmas figuras são usadas: por exemplo, a comparação de um jovem guerreiro a uma árvore de oliva. Nunca completamente certa sobre como esclarecer muitos paralelos que ela encontrava, Mme. Dacier algumas vezes os atribuía ao período, outras vezes ao fato de Homero poder ter sido familiarizado com partes do Antigo Testamento.

Addison julgou que uma combinação de clima e de condições sociais foi responsável por essas similaridades. Em um ensaio ele diz que muito dessa “grande naturalidade de Gênio, daqueles que nunca foram disciplinados e rompidos pelas Regras da Arte”, está para ser encontrada entre os antigos, particularmente nas “Partes mais Orientais do Mundo”. Vivendo em um tempo que era despreocupado com “Requinte e Exatidão” na poesia, eles apenas tentavam alcançar um aspecto generoso em seus símiles; a “Decência” da comparação não os incomodava. Por isso Salomão encontra semelhança entre o nariz de sua amada e “a Torre do Líbano que olha para Damasco”. Por isso, também, Homero compara a ira de Aquiles a “um Pedaco de Carne queimada em Carvões”. Mais tarde Addison fala do “espírito nobre da poesia oriental” no Cântico dos Cânticos, “freqüentemente não muito diferente do que encontramos em Homero, que é geralmente situado próximo à era de Salomão”. Ezequiel também se assemelharia a Homero “nas Partes Poéticas de suas Profecias”.

Pope, por sua vez, diz que “o Espírito Divino” apenas usava tais palavras e idéias conforme elas eram comumente entendidas pelos homens no tempo em que as Escrituras foram escritas. “Assim como Homero é o Autor mais próximo dos Autores do Antigo Testamento, seu Estilo deve certamente possuir uma maior Semelhança aos Livros sagrados que qualquer outro Escritor”. Às vezes Pope fala da *Ilíada* de uma maneira mais geral, como em termos de “muito próximo da Linguagem das Escrituras, e do Espírito dos Orientais”. Em outras ocasiões ele é mais específico: Homero não é apenas o “mais antigo Escritor no Mundo, excetuando Moisés”, mas freqüentemente se expressa da mesma maneira que ele. Assim como os gafanhotos no Êxodo são dirigidos ao mar, também na *Ilíada* eles são dirigidos a um rio. Digressões, circunlóquios e diálogos são encontrados em ambos porque esta era a maneira usual de escrever entre gregos e hebreus na Antigüidade; e Moisés, Homero, e os escritores antigos, todos usavam

repetições porque percebiam que reiterar uma idéia a fazia influir mais claramente na mente de seus leitores.

Mesmo Mme. Dacier descobriu similaridades entre a teologia de Homero e a religião hebraica, concluindo que ou Homero teve contato com as doutrinas hebraicas no Egito ou que aquelas doutrinas espalharam-se para a Grécia no tempo em que ele escreveu seus poemas. Homero acreditava na imortalidade, diz ela, na existência de “un premier Etre” (“um Ser primordial”), em um sistema de recompensas e punições, e em um grande número de outras verdades religiosas reconhecidas pelos hebreus. Uma vez que os críticos tivessem começado a procurar paralelos dessa espécie, eles certamente os encontrariam em qualquer lugar. Blackwall afirmava que o dispositivo de Homero que coloca deuses descendo à terra para conversar com os mortais “é copiado da imagem de Deus caminhando no Paraíso e discursando entre nossos Primeiros Pais”; e Richard Blackmore julgava que os escritores pagãos derivavam seus usos de maquinaria do livro de Jó, em que Deus e “o grande Anjo Apóstata” são representados como personagens opostos um ao outro.

Mas poucos críticos de importância se concederam – ou, talvez, ousaram – comparar as convicções religiosas dos hebreus e de Homero. Escrevendo sobre a teologia da *Ilíada*, alguns a atacaram como inferior ao Cristianismo e outros a defenderam por planejar elaborados sistemas de alegoria. Houve, contudo, uma coisa sobre a qual todos concordaram: que Homero, em seu uso de deuses e divindades, não se desviou das opiniões aceitas e das superstições de seu tempo. Mesmo Terrasson consente que “a Ignorância da Idade em que Homero viveu e a Escuridão do Paganismo, pelos quais ele foi cercado, redimem-no em alguma Medida escusável”. La Motte diz que, por Homero ter vivido “dans les temps de ténèbres” (“em tempos de trevas”), seria impossível para ele evitar “la contagion des erreurs & de l'absurdité du Paganisme” (“o contágio dos erros e dos absurdos do Paganismo”). Ao invés de acusar o poeta, como Terrasson faz, ele torna o próprio povo responsável pela extravagância da teologia de Homero. Ter acreditado nela, tê-la aceitado tão voluntariamente, deve ter acontecido “dans l'imbécillité de l'enfance” (“na imbecilidade da infância”). Fénelon, apontando que Homero encontrou um sistema pronto de divindades na teologia do seu tempo, diz que o poeta ornamentou mas não alterou esse sistema. Ele o descreve como “avec naïveté, grâce, force, majesté, passion: que veut-on de plus?” (“com

ingenuidade, graça, força, majestade, paixão: o que se quer mais?”). De fato, quanto mais monstruosa e ridícula a religião pagã possa nos parecer, mais tenderíamos a admirar a maneira com que Homero a tratou.

É evidente que a abordagem histórica não foi aceita repentinamente como a única abordagem possível, sendo que outras interpretações literárias foram igualmente, se não mais, populares nos primeiros anos do século XVIII. Não se deve esperar, no entanto, um desenvolvimento meteórico para o ponto de vista histórico ou para qualquer movimento apreciável em direção a um criticismo histórico genuíno. Não se está a assumir que as críticas eram menos dogmáticas que antes ou menos violentamente opostas em suas interpretações históricas. Os Antigos ainda sustentaram em suas opiniões que a literatura, talvez a sociedade também, alcançou sua perfeição no mundo clássico, enquanto que os Modernos saíram provando que a *Ilíada* representava apenas os princípios rudes da literatura. Mesmo na visão dos Modernos de que Homero e suas personagens eram bárbaros, havia um pouco de algo que poderia realmente ser chamado de original, que não fora ao menos sugerido pelos primeiros críticos, como Perrault, e algumas vezes por neoclassicistas como Scaliger. Mais especificamente, parece que o “Bayle Dictionaire” era o recurso para muitas das opiniões do século XVIII de que os heróis de Homero, quase todos sem exceção, eram chocantemente imorais e sem caráter. Críticos na França, Inglaterra e Alemanha repetiam continuamente o que haviam lido no Bayle.

Ao mesmo tempo, a segunda fase da Querela envolveu Homero mais diretamente do que a primeira. Visões sobre ele foram mais definidamente indicadas, e, dentro dos limites, mais variadas do que antes. Para resumir um pouco dessas visões, é certamente duvidoso que alguém tenha ido tão longe quanto Terrasson quando afirmou mostrar que Homero, “mesmo com respeito a sua própria Era e Tempo, é altamente digno de Culpa”. Homero foi chamado de bárbaro não somente por ter vivido em um período bárbaro, mas, também, como poeta, por não ter feito nenhum esforço para corrigir os erros e as superstições de seus contemporâneos. Tanto Homero quanto a Idade Homérica são responsáveis pela inferioridade da *Ilíada*. Mme. Dacier, é claro, seguiu outro extremo. Ela se entusiasmou ao falar sobre a sociedade homérica, glorificando suas virtudes e costumes domésticos e ignorando completamente o fato dos gregos, como descritos por Homero, lutarem guerras sanguinosas e tratarem seus inimigos com

inacreditável crueldade. Se Terrasson não encontrou nada de bom em Homero, Mme. Dacier não encontrou nada de mau.

Nenhum dos outros críticos parece ter tido sentimentos tão fortes diante de Homero. La Motte, severo como pode ter sido, expressava a visão padrão dos Modernos quando aprovava a vida simples e os costumes pitorescos dos gregos mas desaprovava suas qualidades bárbaras. Para ele, Homero era livre de culpa, um grande gênio que fora desafortunado por ter nascido em tempos tão malignos. Mesmo Fénelon, no outro lado da querela, bem por não ter sido um admirador tão ardente de Homero ou da generosidade e hospitalidade homéricas, perdeu de vista certas indicações de barbarismo entre os gregos. De fato, sua tendência a ser inconsistente ao criticar Homero deve-se em maior parte, penso eu, a uma inabilidade em reconciliar as figuras dos gregos na guerra com aquelas dos gregos em paz. Pope, é claro, não tentou estimar a Idade Homérica tão completamente quanto os quatro outros críticos mencionados. Mas, enquanto ele falava altamente da simplicidade da vida grega antiga (como fez Addison), também reconhecia e desaprovava o espírito belicoso e a crueldade dos heróis de Homero.

Comparações de Homero e a Bíblia, Homero e a balada, discussões sobre línguas antigas, do efeito do clima sobre obras literárias, e a origem dos poemas de Homero – tudo isso são indicativos do desenvolvimento da abordagem histórica. Contudo, nada ilustra melhor esse desenvolvimento – ou, mais claramente, revela a atitude fundamental da crítica acerca de Homero e sua poesia – do que o modo com que as estimativas da vida homérica são usadas. Por um lado estão escritores como Pope, que puderam condenar heróis bárbaros enquanto louvavam Homero. Eles apenas puderam fazer isso porque não usaram a abordagem histórica sozinha, e porque suas avaliações de Homero não eram inteiramente baseadas no conteúdo. Por outro lado estão os críticos que viram a literatura em maior parte, ou inteiramente, em termos de base histórica. Na maioria dos casos esse grupo já havia se decidido por elogiar ou não Homero. Era apenas uma questão de selecionar certos conjuntos de ações ou idéias na *Ilíada* e na *Odisséia* para mostrar se elas seriam ou não bárbaras, e se então Homero também seria ou não um bárbaro. Pesquisas enfocadas apenas no conteúdo foram tomadas como os meios para se justificar uma opinião (raramente chegando-se a ela) de Homero e sua poesia, uma opinião que era, por

sua vez, determinada pela atitude do crítico diante de toda a literatura antiga. Era raro que um crítico aceitasse Píndaro e rejeitasse Homero. Se ele usasse história para estabelecer a grandeza de Píndaro, freqüentemente a usaria para sustentar Homero assim como qualquer outro poeta antigo.

Enquanto a abordagem histórica era assim empregada por cada lado na Querela por razões muito diferentes, todos os críticos desse período tinham uma coisa em comum. É interessante notar que ninguém aplaude os aspectos primitivos da vida grega. Os Modernos certamente não o fariam, e os Antigos, mesmo o mais fanático deles, ou ignoravam esses aspectos ou falavam deles com certo desconforto. Os Modernos estavam totalmente satisfeitos com a civilização francesa contemporânea. Os Antigos aparentemente aprovavam o homem antigo somente em seus momentos mais humanos, quando este não tinha a oportunidade de dar vazão ao reino de suas emoções. Perdia-se o interesse nele cada vez que ele abandonava sua simplicidade, suas ocupações tranquilas, pelo campo de batalha. Aparentemente eles ansiavam por uma sociedade que nunca existiu, ou que no máximo fora realizada apenas em parte pelos gregos antigos. De fato, suspeita-se que os Antigos não eram tão insatisfeitos com seu próprio tempo como freqüentemente insinuavam, à medida que uma leitura de uma obra como *Télémaque* dá a impressão de que eles eram completamente dispostos a combinar muitas qualidades da sociedade moderna com algumas qualidades selecionadas da sociedade homérica.